



1.<sup>a</sup> Quinzena de Julho

N.º 10

I.º ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*

Prop. Administrador, HUBERTO GONÇALVES

Red. e Adm. R. D. ANTONIO BARROSO, 22

Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fôra de Barcellos 6 mezes 730 rs.--Composto e Impresso--Typ. "Centro de Novidades,--Barcellos

“Por Barcellos!,,

C.M.B.  
Biblioteca

Os nossos trabalhos em prol dos melhoramentos locais.

—Uma Liga patriótica, que defenda os melhoramentos e interesses de Barcellos, tem o apoio de todos os chefes políticos e imprensa local. — O que estes dizem e pensam. — Nós, perante elles, proclamamos a necessidade de se tratar de Barcellos. — Elles apoiam-nos. — Para a frente, pois! --- Eis o caminho.

**P**ARA A FRENTE! — foi a phrase de incitamento com que fechamos o artigo que n'este logar inserimos no nosso ultimo numero, demonstrando a vontade que nos anima de trabalhar pelo progresso de Barcellos e de unir, n'um forte agrupamento patriótico, todos os homens de valor que ahí temos e que tantos e tão importantes serviços podem prestar á nossa terra.

De ha muito que a opinião publica se tem inclinado á formação de uma Liga, que tenha por fim unico o levantamento moral e material de Barcellos e a defeza de todos os interesses locais. Tratou-se já d'este assumpto, na imprensa local, mas sem resultado pratico. Era preciso que alguem viesse dar impulso a essa ideia tão alevantada, relisando-a, ou preparando tudo para a sua realisação.

E' isso exactamente o que nós tentamos. Creamos o *Barcellos-Revista*, porque a necessidade de haver uma folha que todos lessem e que por unica norma tivesse a acção patriótica, inteiramente alheia de intuitos partidarios, fazia-se sentir; e era preciso que essa folha se colleccionasse, com agrado, e tomasse a iniciativa dos primeiros passos para a organização da Liga defensora dos interesses locais. Temos feito isto, que não representa para nós uma gloria, é certo, porque consideramos este nosso arrojio um dever cumprido.

A maior difficuldade que se oppunha á formação da Liga era, em nosso entender, a política: — e o nosso primeiro passo, foi irmos fallar á política, ouvil-a e sabermos com que impressão receberia a formação da Liga. Recebe-a bem e apoia-a, como ella já disse, pela bocca dos seus chefes, nas entrevistas publicadas no numero passado e como o diz, nas que n'este publicamos. O

apoio dos chefes políticos e da imprensa local está, como se vê, ao lado da acção patriótica da Liga.

Agora resta formal-a, constituil-a.

Será trabalho que brevemente iniciaremos. Por agora, resta-nos dar por bem empregado o tempo que muito gostosamente empregamos em ouvir homens políticos e a transmittir ao papel o que elles disseram. Foram horas bem aproveitadas. Mas o leitor não se satisfaz, talvez, com tão pouco: —quer mais: quer ouvir, agora, a nossa opinião ou o plano que pretendemos executar para a formação da Liga.

Irá também em tempo opportuno, não já, porque ainda temos que pensar e é preciso que não nos precipitemos.

Não podemos assim depressa crear a Liga, porque tratar com os politicos não é tratar com o *muxdo*, com esse povo que applaude tudo, applaude mesmo o que não conhece, porque gosta das palavras lindas e de arrebatadores discursos.

E' preciso trabalhar — e nós vamos trabalhar. E' preciso pôr as ideias em pratica — e nós vamos pôr em pratica a nossa ideia.

\*

\* \* \*

Registamos, com grande jubilo, a lisonjeira impressão que o publico barcellense teve ao saber que alguma coisa tem a esperar da acção patriótica dos chefes politicos locais, os quaes estão dispostos a trabalhar para o levantamento de Barcellos, de maneira a poder equiparar-se esta terra com qualquer cidade moderna.

Nem outra cousa era de esperar, pois estamos convencidos de que todo o filho de Barcellos que não mostre interesse pelo progresso da sua terra, não é digno de ser considerado nosso patriota.

E' por isso que nos convencemos de que a acção da Liga ha-de ser proficua.

E pedimos, por este meio, aos dignos correspondentes dos diversos jornaes, que auxiliem com a sua propaganda a realisação da nossa ideia, porque elles também representam uma grande força impulsora, que julgamos precisa, para se fazer alguma cousa util. E estamos certos de que nenhum d'estes cavalheiros se negará a

prestar-nos o seu auxilio, cooperando com a Liga no seu papel intermediario.

E vós barcellenses: — Na primeira linha de todas as vossas aspirações, paixões e ideias, deveis pôr, como trabalho mais urgente, o progresso da nossa terra natal: porque é dever de nós todos trabalhar pelo seu desenvolvimento, pugnando encorajadamente na defeza dos seus interesses, animando todas as boas iniciativas.

Confiamos em vós esta missão verdadeiramente grande.

Continuamos a publicação das entrevistas com os chefes de partido e directores da imprensa local.

**O que diz o sr. conselheiro José Novaes, illustre Conselheiro de Estado, Ministro de Estado honorario e chefe local do partido regenerador-liberal:**

No intuito de conhecermos da opinião do illustre chefe do partido regenerador-liberal, acerca da fundação da Liga promotora de melhoramentos e defensora dos interesses de Barcellos, pedimos a um nosso distincto collaborador e amigo, residente no Porto, a fineza de entrevistar o sr. conselheiro José Novaes sobre este assumpto.

Uma carta a solicitar a entrevista e a explicar os seus fins, foi dirigida ao digno chefe do partido regenerador-liberal no dia 22 de junho, o qual, no dia seguinte, recebeu muito amavelmente o nosso representante.

As notas que nos foram enviadas pelo nosso collaborador, a quem, aqui, manifestamos o mais sincero agradecimento pela sua gentileza, são as seguintes:

— «Fallando ao sr. conselheiro José Novaes, s. ex.<sup>a</sup> não se presta a entrevistas.

«As declarações que fez limitam-se ao seguinte, que tem, para todos os effeitos, valor official:

— «Affirma mais uma vez a sua consideração pela imprensa e pelos seus representantes, o muito interesse que lhe mereceram e continuam a merecer os progredimentos da sua terra, para os quaes está prompto a concorrer dentro das suas forças, mas nem aquella consideração nem este interesse o demovem do proposito irrevogavelmente feito de, quer como homem publico quer como chefe do partido, nunca acceder a entrevistas da ordem da que lhe é sollicitada.»

\*

Como se depreheende muito claramente d'estas declarações do illustre Conselheiro de Estado, os progredimentos de Barcellos continuam a merecer a attenção de s. ex.<sup>a</sup> e por isso mesmo esta-



Hospital da Misericórdia e Asylo d'Invalidos

mos convencidos de que prestari todo o seu valioso concurso á acção patriótica da Liga que projectamos organisar e que visa unica e exclusivamente ao levantamento moral e material da nossa linda terra.

**O sr. dr. José de Castro Figueiredo de Faria, illustre chefe do partido regenerador e antigo presidente da Camara, apoia a Liga :**

No cumprimento da missão a que nos propuzemos, dirigimos-nos no dia 27 de Junho a Santa Leocadia de Pedra Furada, aonde reside o sr. dr. José de Castro Figueiredo de Faria, illustre chefe local do partido regenerador e antigo presidente da Camara.

Eram 5 horas da tarde quando nos apeavamos da carruagem que nos conduziu até á porta da a-prasivel vivenda do sr. dr. Figueiredo de Faria, que nos recebeu no seu gabinete de trabalho.

S. ex.<sup>a</sup>, — depois de trocados os cumprimentos e de lhe termos dito qual o fim da entrevista que, por carta, lhe haviamos solicitado, — conversou largamente connosco manifestando o seu desejo de ver o engrandecimento de Barcellos e declarou-se um grande apologista da ideia que lhe apresentamos da fundação d'uma Liga defensora e promotora dos interesses e melhoramentos locais, á qual prestará todo o seu apoio pessoal e politico.

S. ex.<sup>a</sup> faz importantes declarações quanto á sua attitude politica em face dos melhoramentos e interesses d'esta terra; apresenta ideias sobre a organização da Liga e do que esta poderá e deverá fazer em beneficio de Barcellos e faz varias considerações sobre assumptos diversos, mas . . . não auctorisa a sua publicação.

Da demorada entrevista que tivemos, s. ex.<sup>a</sup> apenas consente que se dê publicidade á declaração que fez de que prestará todo o seu apoio pessoal e politico á Liga que projectamos constituir, a qual, na sua opinião, poderá prestar bons serviços.

Usamos, portanto, de toda a correcção cumprindo o desejo de s. ex.<sup>a</sup> e guardando entre nós as declarações e ideias do illustre chefe do partido regenerador — declarações e ideias que bem pena temos de não poderem ser do dominio publico.

**O que diz o sr. dr. Antonio Martins de Sousa Lima, illustre chefe do partido republicano:**

O sr. dr. Antonio Martins de Sousa Lima, illustre chefe local do partido republicano, a quem dirigimos uma carta a solicitar uma entrevista sobre a fundação e fins da Liga que projectamos organisar, não lhe sendo possivel receber os representantes do *Barcellos-Revista*, enviou-nos a carta que publicamos por cuja gentileza apresentamos a s. ex.<sup>a</sup> o nosso agradecimento :

. . . Senhor :

Respondendo á carta que v. teve a obsequiosidade de me dirigir como representante local do partido republicano e na impossibilidade de receber, como pedia, os representantes do *Barcellos-Revista* por não estar na villa na hora aprazada venho dizer que sempre vejo com a maior sympathia e consideração todos os esforços que a mocidade tenta no sentido do progresso, sendo certo que o periodico que v. habilmente orienta bem merece dos barcelenses pela maneira criteriosa como iniciou os seus trabalhos.

Ha porém no programma da *Revista* uma disposição com que não concordo e que me soou mal desde o principio. E' a affirmação que faz de que não terá politica. A politica é a parte da sciencia sociologica que tem por fim bem reger os destinos dos povos. Assim, entendo que a primeira coisa que devemos fazer é politica. *Dae-me boa politica*, dizia um sabio, *dar-vos-hei boas finanças*. Já vê que não se trata da politiquice portuguesa que é apenas a satisfação e o interesse de varios bandos que se degladiam sem que obedecam a principios concretos; trata-se de politica se-

ria e patriótica que se proponha resolver os complexos problemas da vida social com a sciencia e a probidade de um Aristides na Grecia, ou de um Mousinho da Silveira em Portugal.

O problema politico é o que mais urge resolver no nosso paiz.

Só um povo pathologico como o nosso, abulico, sem educação cívica, e que encara tão despreocupadamente a situação tremenda em que se encontra. Nós não sabemos o que será o dia de amanhã com uma desmoralisação crescente nos serviços publicos, com um desprezo criminoso pelas leis em vigor, uma falta de dignidade cívica que nos leva a atraíção os mais sagrados interesses da patria. Entretanto, como na antiga Byzancia, discutimos questões de *lana caprina* sem nos lembrarmos que amanhã será tarde, que podemos acordar perdidos e deshourados, sem nome portuguez e com o futuro dos nossos filhos seriamente comprometido, os quaes mais tarde hão-de anathematizar na Historia a nossa incuria e a nossa covardia.

Nós hoje não temos o direito de phantasiar regalos para uma *radiosa mocidade*, nem de assoprar vaidades do chefe do partido A, ou do chefe do partido B.

Devemo-nos sempre lembrar que uma nação que deve 800:000 contos, que tem uma divida fluctuante de 80:000 contos em crescendo continuo, uma armada e um exercito de terra (duas reaes penurias!) (1) um povo sem instrução nem educação, a rivalisar com a dos povos berberiscos, e com una crise economica de arripiar, a dous passos da bancarrota, vae irremediavelmente ao maëlstrom da anarchia revolucionaria e porventura á perda da sua completa independencia.

Que fazer, pois, na conjunctura?

Agrupar no partido do povo, que nas occasões historicas sempre soube defender o *ninbo seu paterno* e porque só o povo é soberano e tem a força vivificadora dos grandes ideaes e só elle sabe pôr de parte toda a reles preocupação de vaidades irreflectidas e de interesses mesquinhos e inconfessaveis, para u'um abraço fraterno todos os portuguezes criarem uma patria nova, patria em harmonia com as leis do progresso e em que se attenda aos direitos e aos deveres do homem, curando das suas necessidades, melhorando a sua sorte para lhe tornar menos pesada a sua passagem pela terra.

Mas quem é o povo? Será unicamente essa compacta multidão de analphabetos com que deparamos a cada instante e que com uma grande generosidade nativa olha em volta de si na mais desconsoladora inconsciencia?

Não. Esse substratum popular, porventura o melhor e mais moldavel da raça latina, vae para onde nós o guiarmos. O povo somos nós. Somos todos os que labutamos affanosamente pela ancavação da familia e pela independencia e pela

(1) Esta affirmação refere-se unicamente a falta de material defensivo da armada e do exercito, pois a valentia do soldado portuguez ninguem até hoje pôz em duvida.

ordem nacional; que nas sciencias, nas artes, no commercio, na agricultura trabalhamos com o maior despreendimento e abnegação; que queremos prosperar, avançar, sem que um insidiosos olhar de egoismo vesgo venha escurecer o nosso caminho.

Portanto fazer politica é obrigação que nos compete. E devemos zelar pelos interesses da nossa casa, não ha menos rasão de cuidar do bem estar da collectividade nacional, que é a maneira de estabelecer a felicidade entre nós. O desafio do paiz redundará em beneficio do povo.

Eis o que se me offerece dizer a respeito da intervenção na politica seria. No tocante á urgencia dos nossos esforços, no sentido de salvar a patria, nenhuma duvida resta, visto estar no animo de todos que *isto não pôde continuar assim*.

A Liga em projecto para os interesses de Barcellos não me parece viavel. A vaidade, o egoismo, a falta de espirito democratico não deixarão ir avante uma ideia que podia justificar em beneficios da nossa maldadada terra.

Nada se faz que não seja para lisongear a nossa satisfação, as nossas ambições, o nosso predominio. Assim, julgo que marcharemos no despenhadeiro da ruina até o momento em que, em frente da inevitavel catastrophe, desapareçamos no abysmo, covardemente, como os macacos, com as mãos atadas na cabeça.

Creia-me com a maior consideração

De V. etc.

Antonio Martins de Souza Lima.

## O que diz o sr. Albino Leite, redactor da

### «Folha da Manhã»:

A consulta que me fazem tomo-a como uma gentileza de v. v. por não me julgar com qualidades de poder corresponder a tão patrióticos intuitos que os animam.

—Penso que sim, que é d'um alto valor moral e patriótico tão levantado intento.

Julgo a resolução do problema difficil, no entanto.

Precisava conhecer a organização, ponto de partida e meios a empregar, para algo de util conseguir a «Liga» — por Barcellos — para poder formular a minha opinião embora inutil mas obrigante pela deferencia e honra que me dispensam.

Que a ideia é optima, é declaração que qualquer faz, repentinamente, seguro de ficar bem com a sua consciencia.

Barcellos necessita bem d'este bello e santo movimento. E' preciso unir fileiras, mas fileiras de homens uteis pelo talento e trabalho e com um certo grau de valor cívico e moral, o que não abunda em Barcellos, para se chegar a um resultado pratico e animador.

N'esta villa ha formosas intelligencias e ha vontades enthusiasmas mas umas e outras breve parecem esgotarem-se pelo indifferentismo a que todos nos deitamos depois de dormido o primeiro

# NOITE ALEMTEJANA

Ao meu amigo Anselmo Vieira

No poente agonisa o ultimo clarão . . .  
 E, por sobre a planície, immensa e desnudada,  
 Desce serena paz. A lua, ensanguentada,  
 Mostra-se do Oriente em rúbido vulcão.  
 São como lagos d'ouro as ceáras já ceifadas . . .  
 Os tristes olivaeas, de ramas descarnadas,  
 Mancham, de longe a longe, em tintas luctuosas,  
 A livida aridez das varzeas luminosas.  
 E' profundo o silencio. A lua, docemente,  
 Já no estrellado ceu caminha lentamente.  
 Vagueiam pelo ar perfumes de tomilho!  
 Que mudez triumphal! Quanta luz, quantobrilho,  
 Me parecem velar a terra adormecida  
 Em hieratica paz solemne e commovida!  
 E, os pobres olhos meus, mergulham no infinito  
 N'uma interrogação febril do peito afflicto.  
 Toda esta solidã) inunda d'incerteza  
 A minha alma enlaçada em sonhos de tristeza.  
 E vejo dentro em mim, dispersos, moribundos,  
 Em arrancos lethaes, em soluços profundos,  
 —Como se um vento hostil, pe'jado de metralla,  
 Varresse cruelmente um campo de batalha—  
 Os restos do meu sonho ingenuo e juvenil

Que outr'ora floresceu em madrugada gentil!  
 E tudo se desfez no pó do desengano . . .  
 E tudo o que era bom se transformou em damno!  
 O enlevo do amor—o sol da mocidade—  
 Já não fulgura e veste o lucto da saudade.  
 O riso maternal, de encanto peregrino,  
 Immenso como o Ceu, de Graça diamantino,  
 Empana-o a distancia em nevoas dolorosas.  
 Esfolham-se uma a uma as carminadas roças  
 De mortas illusões, de suaves alegrias!  
 Calaram-se p'ra sempre as gratas harmonias  
 Que se escutam na vida em plena juventude . . .  
 Partiram-se de vez as cordas do alaúde!  
 . . . . .  
 Emlanto, no azul, a derramar fulgores,  
 Soberba, grandiosa, alheia a estas dores,  
 Avança pela esphera, angusta, constellada,  
 A lua deslumbrante!  
 E a mente amargurada  
 Fica-se a recordar—o fel do solitario!—  
 Como quem desfiase as contas d'um rosario!

Alvito--Alemtejo.  
 Julho, 26 de 1909.

Araldo Braz.

sonno. Sonhamos mesmo antes de dormir e, a respeito de sonhos poucos temperamentos ha propensos a elles como os dos filhos d'esta tão encantadora terra . . .

A politica, e essa outra coisa mais horrivel ainda — a moleza pela falta de trabalho, vicio que aqui se transmite, progressivo sempre, aos novos—é preciso banir por completo da nova aggre-miação. Prefiro a força de vontade, quando sincera, ao enthusiasmo que se esgota ao primeiro dispendio de energia.

Pergunto a mim mesmo: — será possivel a organisação d'uma sociedade em Barcellos que realise o ideal a que se propõe essa a que tão calorosamente se referem?

E', posto que, muitos exemplos em contrario, dêem motivos a duvidas para, «querer é poder» e, se todos quizermos, estejam certos que se ha de chegar ao fim desejado.

O ponto é acertar na escolha d'um homem que oriente por tal forma a aggre-miação de modo que desperte em todos os socios a convicção de que têm uma cabeça dirigente capaz de produzir e seguir sem desmaios o caninho que for traçado.

Fujam dos politicos; posto que todos sejam muito respeitaveis na sua vida; todos refervem em paixões que, poucas vezes, traduzem um sentimento de justiça.

Não se hostilizam mas tambem, não se chamam para directores d'um movimento que, como este se desenha, diz: — progresso, rejuvenescimento e prosperidade d'um povo.

Prestemos-lhes o auxilio de que possam precisar quando os politicos tentam realizar qualquer coisa de util e prestante á terra e á sociedade.

E' preciso convencer-os primeiro de que a «Liga», — «por Barcellos», não hostilizando pessoas nem partidos politicos, com elles pode cooperar para o engrandecimento da terra.

Um caso frisante lhes posso mostrar.

Sendo o nosso municipio riquissimo, vive n'uma deprimentia desgraçada devida a esta negligência que tem invadido todas as administrações camararias. Por varias occasiões tive ensejo de referir isto mesmo no semanario que escrevo.

A malandra é que tem deixado «ao Deus dará» Barcellos quando se podia realizar uma enormissima receita nos baldios que estão desprezados.

Convidem-se as administrações camararias a proceder ao inventario d'esses baldios e veremos se sim ou não resurgimos e se se faz de Barcellos uma terra moderna e notavel.

Dá muito trabalho e não dispensa a energia e a boa vontade mas, é para moderar esse dispendio de esforço de alguns que, nós todos, desinte-

ressadamente, devemos ir-lhes offerecer o nosso concurso.

Se o aceitarem a responsabilidade do bom ou mau serviço, a todos tambem tocará por egual mas, se o recusar nós teremos o direito de exigir-lhes o integral cumprimento d'esse grande dever em nome de todos os munícipes e em nome dos interesses de Barcellos.

E não me fallem em conflictos que possam surgir com corpos administrativos ruraes — as juntas de parochia—com a camara, porque o inventario dará a cada um o que de direito lhe tocar.

Hoje, sem dinheiro, desenganem-se não ha ideias que prestem.

Disse-lhes, no meu entender e como sinto, o modo pratico de se conseguir capitaes e rendas precisas para transformar Barcellos n'uma terra modelar.

—Parece-me que ficam com estas opiniões solicitadas, só para effeito d'um bonito fogo preso . . . no papel. Oxalá me engane.

Pela parte que me toca, contem sempre com a minha reconhecida nulidade mas, tambem, com a muita dedicação e grande boa vontade em poder ser util.

E' pouco? E' nada?

E', no entanto, tudo quanto possuo e que offereço na melhor das intenções de corresponder á amavel visita de v. v., muito embora lhes dêsse uma estupada inutil.

*Albino Leite.*



## CARTAS Á MINHA VIZINHA

### II

A mulher persa—A nossa pretendida civilisação—Historia banal de um namoro banal—Uma comparação de Stendhal—O disfarce no namoro—A educação collegial e o casamento—Os perigos da meia-ciencia—O lodo da vida conjugal.

Pour toutes les choses de la vie, on fait un apprentissage, sauf pour le mariage—Il semble que cet acte si important, qui engage l'existence entière, puisse s'accomplir sans aucune des précautions dont on entoure, d'ordinaire, les actions les plus simples!

Paul Combes—Le Livre de L' Epouse.

Na Persia, vizinha, a mulher é cuidadosamente escondida do homem.

Vive nos mysteriosos *henderous*, numa parte da casa, completamente separada, tendo á porta um eunucho ou um velho, para que nenhum homem, a não ser o *Senhor*, a macule, com a sua presença.

Se apparece nas ruas, nos bazares ou nas praças, diz Marylia Markovitch, passa,

como um phantasma, no eterno lucto do seu *tchador* negro.

A vizinha não vive, felizmente, na Persia e o longo *tchador* negro não prohibe aos nossos olhos que contemplem o seu delicado rosto, que tem a fina e doce suavidade de uma figurinha de Greuze.

Vive num meio em que, *apparentemente*, o homem e a mulher convivem, sem essa monachal separação dos persas.

A vizinha pode namorar, sem grandes peias; pode fallar, sem um grave alarme social, ao seu namoro, da janella, a horas mortas, quando os seus vigilantes e pater-naes guardas dormem um somno placido e condescendente.

Pode escrever-lhe, pode mesmo sentir-se quasi estreitada, nos seus braços, quando deslisa docemente, com elle, em uma innocentissima valsa.

Pobres persas, não é verdade vizinha? como devem ser, frios esses lares em que raro arderá o fogo sagrado do amor, onde dois desconhecidos vão passar juntos uma vida artificial, insípida, atormentada às vezes, se o acaso cego que os reuniu, não juntou duas almas que se comprehendessem e se afeiçoassem.

Abençoada civilisação a nossa, dirá.

Civilisação?

Mentira, vizinha, mentira.

Estamos muito mais proximos dos persas do que pensamos.

Porque a verdade, illudida vizinha, é que ha ainda um longo *tchador* negro que occulta, não o seu gracioso rosto, mas: o seu caracter, a sua intelligencia, a intima estrutura do seu espirito, ao homem que julga ama-la; *tchador* tão denso, como aquelle que tambem o encobre, a elle, aos seus illudidos olhos.

A verdade é que a vizinha não conhece e nunca procurou mesmo conhecer o seu namorado.

Começaram, como é banal começar-se.

Mal se conheciam; e todavia, porque elle vinha ao encontro d'essa indeterminada, mas anciosa, necessidade de amar que a vizinha sentia, os seus olhos prendendo-se, no olhar insistente, com que elle lhe ia enredando o coração, foram-lhe descobrindo ignoradas perfeições.



Hospital da Misericórdia —Um trecho da pittoresca Cerca

Tal como, no dizer de Stendhal, os crystaes de sal, nas minas de Salzburgo se vão agglomerando, sobre os ramos secos e despídos que para lá são atirados, cobrindo-lhes como uma illusoria pompa, a sua primitiva nudez.

Quando lhe chegou ás mãos a primeira carta, a commoção extranha, febril, com que a abriu, mostrava que a minha cara vizinha perde a aquella placidez de espirito, ne essaria a todo o bom observador. — Nessa altura já a sua imaginação sonhava muito mais, do que a sua razão analysava; e passados d'as, a vizinha confessava com uma iagenna sinceridade, á uma das suas amigas: «que o amava perdidamente».

E porque vizinha, porque desabrochava assim impetuoso e cego, em tão curto espaço de tempo, esse sentimento que a perturbava, dando-lhe horas de uma divina alegria e outras de uma lugubre tristeza?

Et tão os seus olhos já lhe tinham enraizado no espirito, como resultado da analyse que fizeram: aquella profunda admiração, aquella intensa irmanação de almas que as identifica, numa coincidência de orientação geral, da maneira de sentir, de querer e de pensar, que é uma condição essencial do amor elevado e forte?

Perdoe-me vizinha, nada disto lhe podiam dizer os seus olhos. Ainda que possuissem o penetrante olhar do celebre Scherlok Holmes, não teriam percorrido em tão pouco tempo e com tão fracos meios de observação, o enredado labyrintho que é uma alma humana.

Nem os seus olhos, nem as palavras, nem as cartas que trocaram, lh'o puderam revelar, porque nenhum dos dois tinha o intuito nobre de se mostrar, tal qual era, ao outro, de uma maneira leal e aberta.

Um e outro, talvez de boa fé, com o intuito de agradar, encobriu os seus defeitos, com tanto cuidado e arte, como um negociante trapaceiro occulta e difarça os vicios, do genero avariado que vende.

De resto, nenhum procurou mesmo conhecer esses defeitos no outro, dominado como estava, por essa simples cegueira sensual, que confundia com o amor.

Nenhum o tentou e nenhum, especialmente a vizinha, o conseguiria.

Viveu sempre separada do meu sexo, educada á parte, a uma cerimoniosa e artificial distancia, com uma orientação diversa, temendo-o, desejando-o e não o comprehendendo.

Encarou o casamento, como um meio-mysterio e não, como uma camaradagem intima e natural, em que se deve *fallar* e que se deve *conhecer abertamente, reflectidamente, serenamente*.

Nunca as suas mestras lhe ensinaram, como esse acto da sua vida era uma coisa simples e humana, em que se deve fallar sem um artificial embaraço, sem um pudor ambiguo.

Nunca lh'a mostraram como uma decisão grave que precisa, como todos os factos capitaes da vida, de uma elucidação habil e ponderada, de uma preparação longa e reflectida, que lhe evitasse: a precipitação e a perturbação na escolha e essas desilluções pungentes que a esperam, no limiar da sua *vida nova*.

Não; a educação falsa que recebeu quasi lhe occultou o casamento, como um peccado ou um crime.

O que soube d'elle foi por meias palavras, pelos romances, pelas conversas das suas amigas... E sobre essa meia sciencia enganadora, a sua imaginação bordou: *devaneadoras e perigosas mentiras*.

*Mentiras*, como a de pensar que essa pseudo-affeicção que tem: leviana, postiga, illusoria e fugaz, era o profundo e doce sentimento que deve ser o amor.

E todavia, minha illudida vizinha, quando se apaga, no casamento, a leve poalha de oiro do amor sentimental e impulsivo, sobe então á superficie a entristecer, a ennodar, ás vezes a destruir inteiramente a felicidade do lar: esse lodo amargo que a principio os olhos cegos não quizeram ver.

Apparecem então: as divergencias de opinião e de gostos, as impaciencias, as irritações, as scenas e afinal muitas vezes essa separação de facto que torna o casamento, para muitos, uma grosseira e dolorosa mentira.

Do seu sempre admirador  
e mais que nunca:

Vizinho Importuno.

Barcellos, julho—1909

O «Barcellos-Revista» encontra-se á venda no Centro de Novidades.

## PERFIS MASCULINOS

### VIII

De todos o mais novinho,  
Nos estudos avançado;  
Esperto como um alinho,  
'Inda ha pouco bem provado.

Tel-o longe, preso ás leis,  
*E' minha paixão, tristeza;*  
Mas breve aqui o vereis  
*Acusando ou em defesa.*

Persa *um pouco* livremente,  
Escreve contra as *toupeiras*,  
Pela verdade um valente,  
P'ra a justiça faz *cadeiras*.

Quer que o povo saiba ler,  
E menos religião;  
Mas fez jura em defender  
A Virgem da Conceição!

Um homem com *vestes negras*,  
Diz ser feio e que o indina;  
Mas para não faltar ás regras  
Tambem anda de batina!

Captivante, bom rapaz,  
Alma pura, bem formada,  
De viriudes um cabaz  
E basta de *marmelada!* . .

DOIS AMIGOS.

## SPORT

No n.º passado d'esta *Revista*, não incluímos, por lapso, o nome do nosso amigo sr. Eduardo Martins da Costa Soares, que foi o vencedor do 5.º premio (botões de punho, d'oiro) do torneio de tiro aos pombos realizado em Barcelinhos, por occasião das festas de S. João. D'este lapso nos desculpará o nosso amigo.

\*\*\*◆◆◆



\*\*\*◆◆◆

### Santa Izabel

Com muito brilho, realisou-se no Hospital da Misericordia a costumada festa de Santa Izabel.

Visitamos o Hospital e Azylo, que encontramos com muito asseio.

De tarde, na Cerca, onde se encontrava a nossa melhor sociedade, tocou a banda dos Voluntarios um escolhido repertorio.